ISSN: 2358-8829

POR UMA AGENDA MAIS DISCURSIVA DO, NO E PARA O TRABALHO COM O TEXTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: resultados de pesquisa visibilizados por uma análise axiológica de um cartaz publicitário [1]

Zária Santos Gomes [2]
Fernanda de Castro Modl [3]

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem nos imposto, como sujeitos sociais, cada vez mais formas para lidarmos com textos no nosso cotidiano. Assim, revela-se não apenas necessário, mas também emergencial atualizarmos as nossas concepções de texto, ampliando-as de modo a questionar como as maneiras como produzimos, reproduzimos e consumimos exemplares de textos resvalam em nossos processos de subjetivação. Esse cenário traz implicações para a vida como um todo, o que inclui a escola como instituição e suas funções socioculturais e políticas.

A pesquisa cujos resultados finais, aqui publicizamos, elegeu o município de Vitória da Conquista como lócus de pesquisa, o que significa dizer que o universo de textos analisados adveio de uma pesquisa etnográfica. Por questões de espaço, apresentamos um exercício de análise, a partir de um exemplar do gênero cartaz publicitário.

Como referencial teórico, partimos de pressupostos da Análise Dialógica do Discurso, particularmente, operamos com a dimensão axiológica, bem como amparamo-nos em conceitos advindos da Clínica da Atividade no campo da Psicologia do Trabalho. Metodologicamente, princípios da Pesquisa Qualitativa e da Linguística Aplicada Crítica foram mobilizados.

Dessa forma, na pesquisa, objetivamos ampliar, localmente, a envergadura da noção de texto, investindo em uma dimensão mais discursiva e social para repensar o trabalho com o texto. O que implica visualizarmos, por meio da elaboração de material didático autoral e de

[1] Trabalho desenvolvido no âmbito da Iniciação Científica, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob orientação da Profa. Dra. Fernanda de Castro Modl, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).
[2] Graduanda do Curso de Letras Vernáculas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Vitória da Conquista - BA, zariasantosgomes301@gmail.com;
[3] Doutora em Linguística, área de concentração Linguística Aplicada (PUCMinas), com período sanduíche na área de Pedagogia Intercultural na Ludwig-Maximilians-Universität Uṁ nchen (LMU). Professora Plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus Vitória da Conquista-BA. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação Graduação em Educação (PPGEd) e Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), fernanda.modl@uesb.edu.br.

ISSN: 2358-8829

aulas abertas, que a aula de língua é um lugar para se aprender a perceber que a construção da humanidade se efetiva pelo uso simbólico da linguagem e que esse uso não é transparente, neutro ou despessoalizado.

METODOLOGIA

A pesquisa está instanciada na área Linguística Aplicada Crítica (LAC), área de conhecimento transdisciplinar que compreende a necessidade de integrar a dimensão subjetiva do pesquisador a aquilo que se pesquisa, reconhecendo essa imbricação e seus efeitos. Assim, a perspectiva crítica se deixa explicar no modo como a temática/problema da pesquisa encontra ancoragem na realidade, que é sempre localmente angulada.

Essa compreensão é alicerçada pelas premissas da pesquisa qualitativa tomada como um tipo de pesquisa responsiva à sociedade pela sua contribuição por recortar objetos de pesquisa a partir da problematização de aspectos de uma realidade social (Flick, 2012).

Assim entendemos que, em cada texto (tomado como objeto científico a partir da análise axiológica), podemos acessar processos de subjetivação que cooperam, a depender do exemplar textual, para processos formativos, transformativos ou mesmo deformativos. Daí a importância de exercícios de análise como o que apresentamos adiante para que o trabalho com o texto na escola possa ser visibilizado como um trabalho não apenas escolar/curricular, mas, antes de tudo, fundamentalmente social.

A análise, apresentada nesse trabalho, resulta das seguintes etapas: i) pesquisa de campo para coleta de dados (processo de garimpagem textual) nas regiões central e avenida mais elitizada de Vitória da Conquista; ii) etapa de categorização dos exemplares textuais (garimpos textuais) por gênero discursivo, modalidade, estilo e recursos linguísticos/semióticos; iii) trabalho com barema de análise axiológica produzido em parceria interinstitucional GERLIT CNPq UFC/UESB; iv) elaboração de material didático e v) aula aberta realizada em escolas-parceiras.

REFERENCIAL TEÓRICO

Clínica da Atividade

Ao longo da pesquisa realizada no âmbito da Iniciação Científica em que este trabalho foi desenvolvido, compreendemos o ensino como um trabalho e o professor como trabalhador, alinhando-nos a Machado (2004), quando afirma: “Tomo o ensino como trabalho, o professor

ISSN: 2358-8829

como um trabalhador com funções sociais bem específicas". Isso implica dizer que o ensino, nessa visão, não é pensado como transmissão de conhecimento ou apenas como realização de uma aula. Quando, concordando com Machado (2004), dizemos que tomamos "o ensino como trabalho", estamos olhando para o professor como alguém que realiza uma atividade que exige dele um engajamento físico e psicológico.

Em um olhar primário, no senso comum, quando se pensa em um trabalho que alguém realiza, pode-se imaginar aquilo que a pessoa fez, ou seja, um produto final. No entanto, compreendemos que o trabalho do professor vai muito além do que foi feito, pois implica fazer e refazer, sempre levando em consideração o contexto, os alunos e a escola enquanto instituição. A escola, compreendida como espaço de interação dialógica e intercultural, é atravessada por múltiplas vozes, fazendo com que a subjetividade se faça presente na situação de trabalho. Assim, o trabalho do professor não pode ser pensado apenas a partir daquilo que foi realizado, uma vez que, no decorrer da atividade, outras possibilidades se apresentam. Nesse sentido, Marcuschi (2004) afirma: "O sujeito não é apenas enunciativo e sim também criativo e social nas suas ações cognitivas. Assim, na ação social situada, ele instaura e diz o mundo. (...)".

Marcuschi (2004) destaca que o sujeito não se limita a ser enunciativo, mas também é criativo e social em suas ações cognitivas. Ao atuar em contextos sociais específicos, ele não apenas descreve, mas também constroi e interpreta o mundo, refletindo sua capacidade de interagir e transformar a realidade por meio da linguagem. Essa visão ressalta o papel ativo do sujeito na produção de sentidos, enfatizando que a linguagem é uma prática social dinâmica e situada, na qual o indivíduo exerce sua criatividade e se posiciona como agente transformador.

É nessa direção que mobilizamos Clot (2010):

> "[...] o que não se faz, o que se tenta fazer sem ser bem sucedido – o drama dos fracassos – o que se desejaria ou poderia ter feito e o que pensa ser capaz de fazer noutro lugar. E convém acrescentar – paradoxo frequente – o que se faz para evitar fazer o que deve ser feito; o que deve ser refeito, assim como o que se tinha feito a contragosto [...]. Ora, a existência dos sujeitos é tecida nesses conflitos vitais, que eles procuram reverter em intenções mentais, para deles se desprenderem. A atividade é uma provocação subjetiva mediante a qual o indivíduo se avalia a si próprio e aos outros para ter a oportunidade de vir a realizar o que deve ser feito. As atividades suspensas, contrariadas ou impedidas – até mesmo as contra-atividades – devem ser incluídas na análise" (CLOT, 2010, p. 103-104).

ISSN: 2358-8829

A partir dessa compreensão, entendemos que a atividade não se restringe ao que foi realizado, como já foi mencionado. O que não se faz, o que se tenta fazer sem ser bem sucedido, o que se desejaria ou poderia ter feito e o que deve ser refeito também fazem parte da atividade. Desse modo, a existência dos sujeitos é tecida nesses conflitos, uma vez que a atividade envolve aquilo que se realiza e aquilo que permanece como possibilidade. No trabalho docente, essa compreensão se torna importante porque existem situações que exigem decisões, adaptações, escolhas e reorganização. O professor lida com o que estava previsto e também com o que não estava previsto, ou seja, com o que acontece concretamente na situação de trabalho, no chão da sala de aula. Aquilo que foi pensado anteriormente pode precisar ser reorganizado diante dos alunos e do contexto em que a atividade acontece. Nesse movimento, o professor faz, refaz, tenta realizar e também pode deixar de realizar o que havia pensado.

E tudo isso é realizado por meio da linguagem. Como Marcuschi reforça, a linguagem é inseparável das ações sociais e cognitivas que moldam a experiência humana. Nessa perspectiva, tomamos o professor em sua atividade de trabalho, considerando os diferentes elementos que atravessam e constituem o seu fazer. O trabalho assume uma dimensão coletiva, que mobiliza sujeitos e os constitui entre eles.

Como afirma Benveniste (1988, p. 1989), a linguagem é a base da subjetividade, pois oferece as formas linguísticas necessárias para sua expressão. Ele destaca que o discurso é o meio pelo qual a subjetividade emerge, evidenciando a relação intrínseca entre linguagem e a construção da identidade individual. Essa perspectiva ressalta que, ao utilizar a linguagem, o sujeito não apenas comunica, mas também se constitui como ser singular, revelando sua subjetividade por meio das escolhas e práticas discursivas. Assim, a linguagem é vista como um espaço de manifestação e formação do “eu”, integrando a experiência individual ao contexto social e comunicativo.

Essa compreensão da subjetividade também aparece em Benveniste (1988), quando afirma:

> “Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo), mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência.” (Benveniste, 1988, p. 286)

Benveniste (1988) define a subjetividade não como um simples sentimento de individualidade, mas como uma unidade psíquica que transcende e integra as experiências

ISSN: 2358-8829

vividas. Essa unidade é responsável por garantir a continuidade da consciência, permitindo que o indivíduo se reconheça como um ser único e coerente ao longo do tempo. Dessa forma, a subjetividade é entendida como um processo que vai além da percepção imediata de si mesmo, envolvendo a capacidade de unificar e dar sentido às experiências passadas e presentes. Essa visão ressalta a complexidade da identidade humana, que se constrói a partir da integração de vivências e da consciência de sua permanência. A subjetividade também é compreendida por Clot (2010):

> "A subjetividade é, sem dúvida, não propriamente uma disposição constitutiva do sujeito, mas o poder de ser afetado que, em maior ou menor grau, está à disposição de cada um em função de sua história singular. Sua incompletude é que torna o sujeito disponível ao desenvolvimento da atividade (...) Sua vitalidade dialógica interna é que o prepara para suportar ou apreender os imprevisíveis do real diante dos quais ele deve se determinar." (Clot, 2010, p. 31)

Clot compreende a subjetividade como uma capacidade dinâmica de ser afetado, moldada pela história singular de cada indivíduo. Sua incompletude é o que permite ao sujeito estar aberto ao desenvolvimento e à transformação, engajando-se em atividades e interações. A vitalidade dialógica interna, ou seja, a capacidade de dialogar consigo mesmo e com o mundo, prepara o sujeito para enfrentar os imprevistos da realidade e tomar decisões diante deles. Dessa forma, a subjetividade é entendida como um processo contínuo e dialógico, que se constrói na relação entre o indivíduo e o mundo, destacando sua natureza dinâmica e adaptativa.

Diante dessa abordagem dialógica, bem exposta e amparada por estudiosos e pelo conceito da Clínica da Atividade, que contribuem significativamente para o desenvolvimento dessa temática, é possível compreender o impacto da valorização do trabalho do professor. Esse impacto pode ser tanto positivo quanto negativo, considerando o papel fundamental do professor na formação dos cidadãos em processo de aprendizado.

Nesse sentido, o embasamento teórico nos permite entender que, para construir uma agenda mais discursiva, é essencial valorizar aqueles que estão à frente dessa responsabilidade: os professores de língua(s).

2.2 Análise Dialógica do Discurso

Para falar da Análise Dialógica de Discurso partimos do que entendemos por enunciado, texto e gênero do discurso. Sob a perspectiva de Bakhtin (2006), entende-se que gêneros

ISSN: 2358-8829

discursivos funcionam como elos entre a evolução da sociedade e da linguagem, atuando como "correias de transmissão" que integram novas formas de expressão humana. Esses fenômenos passam por um processo complexo de experimentação e elaboração nos gêneros, tanto primários (como diálogos cotidianos) quanto secundários (como textos literários ou científicos).

Em outra obra, Bakhtin (2016) reforça essa perspectiva ao afirmar que "O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com endereçamento da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o 'dixi' percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou." (Bakhtin, 2016, p. 275).

O autor aborda o enunciado como um núcleo problemático de grande relevância, destacando sua natureza individual e sua capacidade de refletir a subjetividade de quem fala ou escreve. No entanto, ressalta que nem todos os gêneros permitem, igualmente, a expressão de um estilo pessoal. Além disso, enfatiza que cada enunciado está interligado a outros, formando uma rede complexa de comunicação.

Biavati e Modl (2020) problematizam que:

> É impossível isolar enunciado de enunciação, ambos devem se colocar concomitantemente e se estabelecer como pontos de olhar na aula de Português, tomando o gênero como ação de linguagem, pois é na omo enunciação que os referenciais históricos da significação direcionam o 'olhar para a compreensão do mundo'. (Biavati; Modl, 2020, p. 755-756)

As autoras enfatizam que enunciado e enunciação são indissociáveis e devem ser analisados em conjunto, especialmente no ensino de língua portuguesa. A enunciação carrega referências históricas que orientam a interpretação e a compreensão do mundo, reforçando a relação entre linguagem, história e prática social.

Bakhtin (2010) fundamenta a importância de uma abordagem metalinguística do discurso:

> [...] são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por esse motivo, as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subentendendo-a como um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística. (Bakhtin, 2010, p. 207)

ISSN: 2358-8829

Por fim, Andrade (2024) reforça a noção de enunciado concreto como um elo fundamental na cadeia discursiva.

Assim, para falar de texto, é fundamental abordar aspectos como enunciado concreto, gênero discursivo/textual, multimodalidade e multissemiotização. Esses conceitos atravessam a nossa pesquisa e estão interligados no cmodo entendemos a noção de texto, sob uma ótica da Análise Dialógica do Discurso. ADD entende a linguagem como um fenômeno social, histórico e ideológico. Além disso, compreende uma "[...] indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento [...] " (Brait, 2016, p. 1).

"A maneira como nós dizemos aos outros as coisas é decorrência de nossa atuação intersubjetiva sobre o mundo e da inserção sociocognitiva no mundo em que vivemos." (Marcuschi,2001, p. 42). Muitas vezes, essas dimensões se imbricam a ponto de falarmos em uma verbo-visualidade. Isso porque entendemos que Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. Representação e imagens não são meramente formas de expressão para divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa.

Marcuschi (2001) enfatiza que a forma como nos comunicamos é resultado de nossa interação intersubjetiva e da inserção sociocognitiva no mundo, destacando a relação entre linguagem, pensamento e contexto social. Dionísio (2008) complementa essa ideia ao discutir a integração entre imagem e palavra, caracterizada como "verbo-visualidade". Ela argumenta que essas representações não são meramente informativas ou naturais, mas textos construídos que refletem nossas relações com a sociedade e seus valores. Juntos, os autores ressaltam a natureza social e multimodal da comunicação, evidenciando como linguagem e imagem se entrelaçam para expressar significados culturalmente situados.

Para Brait (2010, p.15), a linguagem verbo-visual pode ser pensada como:

> (...) dimensão em que tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, consequentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente.

Brait (2010) define a linguagem verbo-visual como uma dimensão em que tanto a linguagem verbal quanto a visual desempenham papéis constitutivos na produção de sentidos, atuando de forma integrada. A autora ressalta que separar esses elementos resultaria na perda

ISSN: 2358-8829

de parte do plano expressivo, comprometendo a compreensão completa do enunciado. Essa perspectiva reforça a ideia de que a comunicação verbo-visual é um processo simultâneo de ver e ler, no qual os elementos visuais e verbais se complementam para criar significados complexos e contextualizados. Assim, Brait destaca a importância de analisar esses textos de forma holística, considerando a interação entre os modos verbal e visual na construção de sentidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, como já anunciado, demonstramos os movimentos de análise axiológica empreendidos ao longo da pesquisa a partir de um tratamento de um exemplar textual. Escolhemos apresentar, aqui, a primeira análise realizada, dada a sua centralidade para o modo como a pesquisadora da IC foi se (re)posicionando nesse movimento de análise inaugural. O texto foi coletado, via pesquisa de campo e ancorada por pesquisa etnográfica (Dixon, Green e Zaharlick, 2005) realizada, ao longo dos meses 1 a 10 da pesquisa, pela bolsista CNPq. A seleção do exemplar adveio de um corpus de mais de 100 exemplares também representantes do gênero Cartaz. O exemplar textual, antes de ser submetido à análise, foi aprovado coletivamente em uma reunião de trabalho, a partir da dialogia orientadora-orientandas do Núcleo IC/LaGaTT, em função do seu potencial enunciativo/discursivo. Tendo demarcado sinteticamente os parâmetros analisados, apresentamos o exemplar de análise acompanhado dos aspectos que integram o Barema de análise axiológica e uma síntese analítica que ilustra alguns dos movimentos de trabalho realizados e de preparação para os exercícios de didatização.

Como já foi dito ao longo da pesquisa, o exemplar que garimpamos está engendrado no gênero discursivo cartaz publicitário emoldurado e originalmente dependurado na parte interna de uma Sorveteria artesanal com proposta *self-service*, predominantemente frequentada por pessoas de classe média/alta, localizada no bairro Recreio, em Vitória da Conquista/BA.

O autor do texto constrói o enunciado a partir da máxima universal "A felicidade não se compra". O que fez para, a partir de uma quebra de expectativa, axiologizar a ideia de que, por meio da compra de um sorvete, acessamos a felicidade. O que acaba por reforçar a ideia de que a felicidade está, sim, vinculada a comportamentos e hábitos de consumo. O intuito, aqui, é recorrer a técnicas de *Call To Action* (CTA), ou apelo à ação, neste caso, ao de compra, aliados à ideia pressuposta de acessibilidade do produto, de modo a estimular, no sujeito leitor(a)-consumidor(a), uma sensação de empoderamento. Esse apelo emocional positivo, como mecanismo de persuasão, para além de empoderamento, causa o efeito identificação: a

ISSN: 2358-8829

felicidade é vista como um desejo universal e o sujeito tem a chance de se fazer feliz no aqui e agora, por meio da compra de um sorvete. Portanto, alguns dos cronotopos que observamos a partir da dialogação com o enunciado e o ambiente em que está inserido se referem à busca pela felicidade, que é um desejo atemporal e translocal, reforçado pelo sistema capitalista, que fundamenta o seu discurso na relação do prazer e satisfação a partir do consumo. Aciona-se, ainda, o imaginário social de que merecemos prazeres e gratificações simples e imediatas, como um sorvete.

No que diz respeito aos aspectos multissemióticos do texto, vemos o uso de diferentes fontes para cada palavra, recurso que sugere a intenção de estabelecer uma hierarquia visual. Nesse arranjo, os termos você, felicidade e sorvete recebem maior destaque em relação aos demais. Entre eles, o maior realce recai sobre 'SORVETE', apresentado em caixa alta e na cor branca. As cores também desempenham papel expressivo, disparando efeitos de sentido diversos.

Ao avaliar o(s) impacto(s) de um texto como esse em ambientes interacionais como a sala de aula e/ou outros espaços (trans)formativos, ancorados em habilidades de Língua Portuguesa previstas na BNCC, propomos trabalhar o garimpo considerando seus aspectos multissemióticos, as escolhas de textualização e a produção autoral do gênero cartaz publicitário, articulando também efeitos discursivos dos aspectos linguísticos que perfazem o texto-objeto de análise. Um enfoque mais metalinguístico e discursivamente orientado, pautado nos enunciados, aproxima o aprendizado da vida prática e evidencia a construção de sentidos a partir de usos reais e situados da linguagem.

Assim, o trabalho com o garimpo contribui para tornar a aula mais dinâmica, acolhedora e dialógica, abrindo espaço para compreender como os diferentes contextos enunciativos interferem no horizonte de análise axiológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa da conclusão, por meio da análise dos dados aqui tensionados, ilustramos a natureza do trabalho que temos realizado no interior do projeto e do grupo de pesquisa interinstitucional GERLIT CNPq UFC/UESB, defendendo o trabalho com o texto a partir de uma dimensão dialógica da linguagem. Para isso, assumimos que todo enunciado opera enquanto réplica de/para outros enunciados. O que pressupõe que todo texto é uma resposta endereçada a outras posições enunciativas, uma vez que “a expressão do enunciado, em maior

ou menor grau, responde, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado" (Bakhtin, 2016, p. 58).

Essa expressão enunciada pelo sujeito não pode revestir-se de neutralidade, pois a palavra enquanto enunciado concreto sempre assume um tom axiológico. "A relação entre o eu e o mundo é de natureza valorativa, visto que matizamos a palavra com nossas impressões, crenças, valores. A palavra viva é garantida pela entonação expressiva" (Andrade, Ribeiro e Modl, 2023, p. 4).

À vista do exposto, reconhecemos que o trabalho do professor de línguas precisa ser (re)pensado de modo a compreender o texto como expressão sígnica e axiológica que, em razão de seu caráter responsivo, atua como (re)produtor de ideologias na e da vida cotidiana.

Desse modo, o trabalho com a prática de garimpagem textual, via mobilização da força social de cada exemplar (garimpo textual), convoca-nos a (re)atualizar nossos modos de significar os textos que nos cercam, atribuindo-lhes percepções mais críticas diante do poder da linguagem em/para nós. O que também traz como implicação que nos repensemos como sujeitos sociais. Além disso, ao ser realizada para fins didáticos, a prática de garimpagem textual contribui para (re)calibrarmos nossa atuação social como professores de línguas, na dialogia com nossos alunos, promovendo tensionamentos coletivos em torno da linguagem e de seus usos concretos em textos/enunciados circulantes no cotidiano. Afinal, como nos ensina a Linguística Aplicada, é apenas localmente que agimos, reagimos e avançamos em nossas práticas de ensino, pesquisa e extensão.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Axiológica, Texto, Trabalho do professor.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. R. da S.; RIBEIRO, P. B.; MODL, F. de C. Aspectos axiológicos sobre racismo revelados em charges produzidas por alunos de uma turma de Educação de Jovens e Adultos. Diálogo das Letras, [S. l.], v. 12, p. e 02317, 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Ed. 34, [1951-1953] 2016.

BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de Lingüística Geral** I. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1988.

BIAVATI, Nádia Dolores Fernandes; MODL, Fernanda de Castro. O trabalho com a produção de sentidos na formação de professores de língua portuguesa: escolhas enunciativas para a didatização. **fólio - revista de letras**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2020. DOI: 10.22481/folio.v12i1.6973.

BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010.

BRAIT, Beth. **Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica / Looking and Reading: Verbal-Visuality from a Dialogical Perspective.** Bakhtiniana, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013, p. 42-65.

DIONISIO, A. P.; BEZERRA, M. **A. Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CLOT, Y. Questões de ofício. In: CLOT, Y. **Trabalho e poder de agir**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010, p. 1-41.

DIXON, Carol N.; GREEN, Judith L.; ZAHARLICK, Amy. **A Etnografia como uma lógica de investigação**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 42, p. 13-79, dez. 2005. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/45228 Acesso em: 3 set. 2025.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa** / Uwe Flick; trad. Sandra Netz. -2.ed.- Porto Alegre: Bookman, 2004.

MACHADO, Anna Rachel. **O trabalho docente e a construção do conhecimento escolar**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O léxico: lista, rede ou cognição?** In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de (Org.). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Ed. Contexto. 2004.

PENNYCOOK, Alastair; MAKONI, Sinfree. **Applied Linguistics from a southern perspective.** In: PENNYCOOK, Alastair; MAKONI, Sinfree. Innovations and challenges in Applied Linguistic from the Global South. First published 2020 by Routledge 2 Park Square. Milton Park. Abingdon. Oxon OX\4 4RN and by Routl edge 7 11 Third Avenue, New York , NY 10017, 2020, 122-137 p., ISBN: 978-1-138-59350-3

VOLÓCHINOV, Valentin. **Língua, Linguagem e enunciado**. In:

VOLÓCHINOV, Valetin. Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017, 173-200 p., ISBN 978-85-7326-661-0